

Resumo: O objetivo do presente trabalho é delinear traços para uma espiritualidade que venha a responder aos anseios e necessidades das pessoas que buscam integrar-se na vida consagrada no contexto de vida contemporâneo. Identificar possíveis dificuldades no cultivo de uma espiritualidade encarnada na Palavra e na práxis de Jesus Cristo no cotidiano. Oferecer bases teóricas para reflexão, aprofundamento e apresentação de uma espiritualidade alicerçada na pessoa de Jesus Cristo, com base em documentos ofertados pelo Magistério da Igreja. Despertar para o exercício de uma vida espiritual pessoal e comunitária com inserção na vida eclesial, no caminho da formação para a vida consagrada nos dias atuais.

Palavras-chave: Espiritualidade, Jesus Cristo, vida consagrada, práxis de vida.

Introdução

Constata-se na realidade atual certa busca pelo espaço religioso. Buscar, porém, não significa aprofundar-se em experiência ou conhecimento. Sendo a vida consagrada um estado de vida, que propicia e requer uma vida de espiritualidade alicerçada na pessoa de Jesus Cristo, sente-se a necessidade de apresentar aos que a buscam um caminho que contribua para a integração da pessoa com a realidade que a mesma vive no cotidiano.

Neste trabalho pretende-se refletir sobre novos paradigmas que se apresentam no contexto atual e que interferem quanto ao crescimento, compreensão, amadurecimento e fortalecimento da vida espiritual que envolve a vida consagrada. Busca-se identificar

* Mestranda em Teologia (área: Teologia e Evangelização) pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. E-mail: madelinecja@yahoo.com.br.

fatores que contribuam para e que dificultam a prática da vivência de uma espiritualidade renovadora para que esta seja capaz de, diante de novos candidatos e membros efetivos deste estado de vida, atrair, permear e fixar raízes na prática evangélica de Jesus Cristo. Resgatando esses fatores, procurar-se-á delinear traços de uma espiritualidade que conduza à essência – viver segundo a práxis de Jesus Cristo, e clarifique o sentido do que é viver a vida entregue por uma causa que pressupõe perder tudo para se receber em troca o cêntuplo. Mas recebê-lo não nesta vida (Mc 10,17-31), conceito contrário ao que rezam as ofertas e práticas no quotidiano.

A realidade

Nosso tempo tem como características o avanço das ciências com pesquisas e descobertas genéticas, a cibernética, a globalização e neoliberalismo, o relativismo e sincretismo religioso. A comunicação é rápida, precisa e eficiente, possibilita-nos contatos com os mais diversos lugares do planeta e com um número diversificado de pessoas.

O último documento elaborado pelo Conselho Episcopal Latino-Americano (Celam), conhecido como *Documento de Aparecida*, aponta os desafios do quotidiano dizendo:

[...] abre-se a passagem para um novo período da história, caracterizado pela desordem generalizada que se propaga por novas turbulências sociais e políticas, pela difusão de uma cultura distante e hostil à tradição cristã e pela emergência de variadas ofertas religiosas que tratam de responder, à sua maneira, à sede de Deus que nossos povos manifestam (n. 10).

Nesse contexto, constatam-se situações dolorosas e desoladoras de fome, doenças, pobreza, a miséria e falta de dignidade humana em que se encontra o maior número da população mundial. João Paulo II explanava tal realidade já no início do terceiro milênio:

O nosso mundo começa o novo milênio, carregado com as contradições [...], que oferece a poucos afortunados grandes possibilidades e deixa milhões e milhões de pessoas não só às margens do progresso, mas a braços com condições de vida muito inferiores ao mínimo que é devido à dignidade humana. [...] E o cenário da pobreza poderá ampliar-se indefinidamente, se às antigas pobreza acrescentarmos as novas que frequentemente atingem mesmo os ambientes e categorias dotados de recursos econômicos, mas sujeitos ao desespero da falta de

sentido, à tentação da droga, à solidão na velhice ou na doença, à marginalização ou à discriminação social. [...] (*Novo Millennio Ineunte*, n. 50).

Diariamente, ouve-se falar de estresse, depressão, ansiedade, solidão e suicídios. “Prefere-se viver o dia a dia, sem programas a longo prazo nem apegos pessoais, familiares e comunitários. As relações humanas estão sendo consideradas objetos de consumo [...]” (*Dap*, n. 46). Percebe-se que, quanto mais as pessoas vivem em meio a grandes massas, mais se sentem sozinhas, sem alguém para compartilhar a vida, o trabalho, o que veem, sentem e experienciam.

Grande é o número das pessoas que dizem que em determinados momentos da vida não encontram, ou não possuem, um amigo, ou alguém para escutá-las; queixam-se de que a vida é cada vez mais vazia, triste, solitária e sem sentido diante de um mundo pleno de ofertas coloridas e envolventes. “Longe de preencher o vazio produzido em nossa consciência pela falta de um sentido unitário da vida, em muitas ocasiões a informação transmitida pelos meios só nos distrai” (*Dap*, n. 38). A rapidez dos meios de comunicação produz o vazio e a não satisfação com o momento presente. A ânsia pelo que ainda não se possui toma conta das pessoas que saem à procura da certeza que não encontram. Percebe-se que o consumo que é introduzido forçadamente como necessidade básica não é capaz de substituir a necessidade do encontro facial entre as pessoas, o que é prioritário para nos manter e tornar mais humanizados.

Este é o mundo real com que nos deparamos, e a expressão mais comum é: o mundo está passando por uma crise, crise de valores, de ideias, de comportamentos, de ética. “Essa nova escala mundial do fenômeno humano traz consequências em todos os campos de atividade da vida social, impactando a cultura, a economia, a política, as ciências, a educação, o esporte, as artes e também, naturalmente, a religião” (*Dap*, n. 35). Aqui nem detalhamos as consequências nos setores de trabalho, de convivência pessoal e familiar. Mas esta crise não estaria ligada à mudança constante que nós, seres humanos, vivenciamos a cada dia, por sermos seres inacabados e sempre ávidos de mudança, por isso mesmo mudando constantemente nossas ideias, comportamentos e atitudes? Contudo, também é cabível o questionamento a respeito dos rumos que damos às crises. Sabe-se que o realizado hoje será a causa idealizadora do amanhã.

E a vida consagrada?

Diante das intempéries do mundo, a vida consagrada também conheceu as dificuldades provocadas pelas crises, pois quem busca aperfeiçoar-se constantemente se depara com dúvidas, incertezas e incompreensões, mesmo sabendo que essas contribuem para o crescimento e amadurecimento. É certo que diante das mudanças ocasionadas pela busca do desenvolvimento interno e externo há quem vá acolher ou renegar, quem vá edificar ou criar barreiras. A vida consagrada, enquanto instituição, não nega que:

Nestes anos de renovação, [...] atravessou, como de resto outras formas de vida na Igreja, um período delicado e árduo [...] um tempo com as suas tensões e angústias, ao longo do qual experiências até generosas nem sempre foram coroadas de resultados positivos. [...]” (*Vita Consecrata*, n. 13).

Sabe-se que tais experiências acompanham as mais diferentes realidades e circunstâncias da vida e não seria diferente no âmbito da vida consagrada. Mesmo porque, arriscar por coisas novas, pelo diferente, sempre causa certo impacto, receio, desconfiança e insegurança, até que o diferente próprio crie seu espaço e mostre com o tempo a vantagem que ele produz para quem o aceita e coloca em prática o que traz à tona.

Nesse contexto é que encontramos a vida consagrada, uma instituição que sente sempre o impacto das transformações que se realizam na humanidade, na sociedade, seja civil, seja religiosa. Isso a partir de suas próprias estruturas e características particulares de viver a vida quotidiana e de colocar em prática o sentido pelo qual ela mesma existe: ser sinal e anúncio do Reino de Deus pregado, anunciado e vivido por Jesus Cristo. O documento *Vita Consecrata*, dedicado especialmente às pessoas do estado da vida consagrada, enfatiza que

o fundamento evangélico da vida consagrada há de ser procurado naquela relação especial que Jesus, durante a sua existência terrena, estabeleceu com alguns dos seus discípulos, convidando-os não só a acolherem o Reino de Deus na sua vida, mas também a colocarem a própria existência a serviço desta causa, deixando tudo e imitando mais de perto a sua *forma de vida* (*Vita Consecrata*, n. 14).

Nessa relação estrita com o Mestre que chama e que envia, a vida consagrada encontra seu verdadeiro sentido de ser e agir. A pessoa de Jesus Cristo, aquele que em tudo soube realizar a vontade daquele que o enviou, seu Pai, é o mentor e propulsor da necessidade de transformar em ação a experiência realizada no encontro com ele.

Dificuldades no caminho

Uma situação que aparentemente não se apresenta conflitante, mas que quotidianamente suscita questionamentos e inquietações, seja de quem faz parte da vida consagrada, seja de quem nela inicia uma experiência de vida, é a questão de como cultivar e manter viva uma espiritualidade verdadeira e encarnada na pessoa de Jesus Cristo. O questionamento persiste quando se procura, através dessa espiritualidade, alicerçar uma prática de vida pessoal num âmbito comunitário e social de acordo com a Palavra e a práxis de Jesus Cristo em tempos que se apresentam sob os efeitos da ideologia dominante, que frisa um modelo de vida individual, marcado pela competição profissional, estética corporal, grifes, necessidade de aparelhos eletrônicos e tudo o mais que satisfaça as necessidades de prazer pessoal. Por isso que o projeto de uma vida que transcende em favor do outro parece já não ter espaço.

Para tentar responder a essa realidade questionadora e ávida por resoluções práticas e rápidas, muitos apontam caminhos que trariam soluções mágicas. Pode-se ainda citar a invasão de métodos de orientação para relaxamento, concentração, introspecção, busca de equilíbrio interior, os quais, ofertados para cultivar uma vida saudável através de uma espiritualidade exótica, propiciam, sem dúvida, de modo imediato, alívio, descontração, longevidade, consolo espiritual e emocional, contudo nada mais fazem do que satisfazer o ego às voltas com o vazio existencial que assalta a vida humana em nossos tempos. Surgem dúvidas, declaram-se críticas, enfim, há discussões, tanto da parte de alguns membros da vida consagrada como de quem não faz parte dela, com relação a essa avalanche espiritual comercial que oferece as mais variadas possibilidades de se aventurar pelos caminhos da vida espiritual.

Entre jovens ou mesmo entre pessoas de mais experiência, escutam-se dificuldades de adaptar-se aos antigos métodos de exercício espiritual, feitos de silêncio, concentração, leitura, reflexão, comparação do texto com a realidade, questionamentos que levariam à

ação na vida diária. Hoje, não seria de surpreender se esses passos fossem apontados como dificuldades ou como barreira para o exercício de uma espiritualidade adequada ao cotidiano, que exige conexões ininterruptas com os meios eletrônicos de comunicação. Por exemplo: dificilmente encontramos quem ainda se dedica totalmente apenas a uma atividade sem dar a devida atenção a um telefone celular. A realidade exige conexão e comunicação imediatas.

Objetivar os traços de uma verdadeira espiritualidade certamente requer abertura do próprio ser. Segundo o *Documento de Aparecida* (n. 284),

é necessário formar os discípulos numa espiritualidade da ação missionária, que se baseia na docilidade ao impulso do Espírito, à sua potência de vida que mobiliza e transfigura todas as dimensões da existência. Não é uma experiência que se limita aos espaços privados da devoção, [...].

A citação ensina que a ação missionária do discípulo se constituirá pela constante docilidade ao Espírito. O impulso do Espírito é sempre novo, transformador e capaz de renovar. Começamos a constatar que o caminho espiritual exige um contato íntimo com a pessoa de Jesus Cristo e seu Espírito, que se tornam, na vida do discípulo, os norteadores para a vida de interiorização e ação.

De fato, pode-se considerar um problema aceitar que o projeto, a Palavra e a práxis de Jesus Cristo passem pela interiorização do próprio eu para, então, se tornarem ação concreta. Que pelo fato de manter-se em silêncio, concentração e meditação sob a inspiração da Palavra de Deus abre-se espaço para que o Espírito conduza a ações em prol da maioria da população que vive uma situação degradante. Logo, o problema gira em torno de aceitar e acreditar que uma verdadeira espiritualidade se forma a partir da ação divina para ser exercida em favor dos demais. Ou seja, há dificuldades em crer que através da práxis espiritual pessoal ou exercida na comunidade, tanto eclesial como social, faz diferença no empenho em situações que requerem atitudes a favor da defesa da vida e da dignidade humana. Não se pode negar que pela docilidade ao Espírito surgirá uma práxis de vida capaz de mobilizar e transformar dimensões e motivações do por que ser e existir enquanto seres humanos que somos e por isso a experiência espiritual não se limita a um intimismo particular. O Espírito faz-se ouvir no íntimo para que a pessoa possa perceber

melhor o que clama ao seu redor para, então, buscar como pode responder ao que lhe venha inquietar.

Outro problema surge diante da necessidade de calar o próprio ego para estabelecer um diálogo com o Divino, criando espaço para escutar-se e escutar ao outro. Pode-se afirmar que esses são problemas a ser enfrentados no contexto do mundo que se pós-moderniza, onde se confunde individualidade e individualismo do ser, o que constitui grande desafio a ser vencido no campo espiritual. “O individualismo enfraquece os vínculos comunitários e propõe uma radical transformação do tempo e do espaço, dando papel primordial à imaginação. [...]” (*Dap*, n. 44). A prática da espiritualidade não exclui a individualidade da pessoa, que vem fortalecer o caráter da ação pessoal e individual do ser. Certamente, a individualidade espiritual não pode ser confundida apenas com momentos de forte sentimentalismo ou de sensações agradáveis que perpassam o corpo. A imaginação pode contribuir para a criatividade, mas não é possível viver sobre seus alicerces. A vida, no que se apresenta de concreto, precisa corresponder além do fator imaginação, ou sucumbirá.

Mas afinal, o que é viver, hoje, nos caminhos da vida consagrada, uma espiritualidade que responda aos anseios da vida cotidiana, que alguns caracterizam como Pós-Moderna, e que esteja de acordo com a Palavra e a prática de Jesus Cristo? Que sentidos podem ser atribuídos a ela? Quais são os caminhos apontados para o crescimento e amadurecimento dos membros das comunidades religiosas, das instituições de vida consagrada, dos novos membros que procuram tal estilo de vida?

Essas indagações, de cunho religioso, que envolvem a vida consagrada precisam ser refletidas e debatidas, assim como outros assuntos que envolvem o meio moderno, com suas influências Pós-Modernas. As ciências se preocupam em dar respostas às situações existenciais que envolvem a humanidade no cotidiano. Do mesmo modo, é necessário apresentar de forma renovada a valorização do meio religioso, na busca da compreensão das questões emergentes que o envolvem.

Caminhos geradores de espiritualidade

Iniciamos este trabalho observando a situação geral da realidade e destacamos algumas dificuldades da vida cotidiana. Percebe-se que essas conturbam a prática de uma espiritualidade ativa, pessoal e comunitária dentro do âmbito da vida consagrada.

Na tentativa de delinear tais pistas que respondam aos anseios de nossos tempos, abordamos diretamente o *Documento de Aparecida*, documento atual que trata diretamente da realidade que nos afeta enquanto prática de vida cristã e eclesial. A partir do referido *Documento*, apontaremos possíveis saídas para a concretização da práxis de uma espiritualidade alicerçada na pessoa de Jesus Cristo, pois a vida consagrada não se encontra fora da realidade que vive a Igreja.

O *Documento de Aparecida* (n. 11) apresenta diretamente pontos cruciais que necessitam de atenção para chegar às mudanças almeçadas:

[...] Trata-se de confirmar, renovar e revitalizar a novidade do Evangelho arraigada em nossa história, a partir de um encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo, que desperte discípulos e missionários. Isso não depende tanto de grandes programas e estruturas, mas de homens e mulheres novos que encarnem essa tradição e novidade, como discípulos de Jesus Cristo e missionários de seu Reino, [...].

Para o *Documento de Aparecida*, o anseio que trará transformação é o resgate da novidade do Evangelho para dar-lhe novo impulso. É buscar produzir ramos novos do velho tronco existente. O grande desafio anunciado que urge é tornar-se discípulos missionários de Jesus Cristo. A consciência de que somos discípulos de alguém nos coloca a caminho e por isso nos tornamos seguidores e, na convicção, discípulos missionários. Quem se apresenta no caminho do discipulado sabe que esse alguém de quem deve ser discípulo é o próprio Cristo.

Conhecer o referencial que nos predispõe para o seguimento no discipulado torna-se o compromisso para realizar uma nova missão. “A oração pessoal e comunitária é o lugar onde o discípulo, alimentado pela Palavra e pela Eucaristia, cultiva uma relação de profunda amizade com Jesus Cristo e procura assumir a vontade do Pai. [...]” (*Dap*, n. 255). O discípulo, pela intimidade na oração pessoal, crescerá no amor a seu Mestre. Ali aprende, conhece, ama e praticará o que experiencia. Comunitariamente, pode partilhar o que o move para exercer tal missão confiada pela vontade divina. Ambas contribuem para o não

isolamento numa espiritualidade intimista e para não perder a referência principal que deve conduzir o ideal da vida consagrada.

A experiência do encontro com a pessoa real do Cristo é fundamental para que o discípulo se sinta chamado, convocado e enviado numa missão. O discípulo convencido de que realizou o encontro com seu Mestre não abandona sua missão. Isso se torna parte essencial da vida e experiência espiritual. Na vida consagrada, julga-se necessário um itinerário espiritual para que todo esse processo se concretize. Tal itinerário não se realiza distante da pessoa, das palavras e atitudes do Cristo. A intimidade com o Mestre ajudará para que o discípulo não perca ou se desvie do caminho proposto a ser seguido.

A experiência do encontro com a Palavra, com o sentir a voz daquele que fala aos ouvidos do coração, levará adiante o impulso para tornar-se instrumento de missão pelo mundo afora.

A Igreja deve cumprir sua missão seguindo os passos de Jesus e adotando suas atitudes (cf. Mt 9,35-36). Ele, sendo o Senhor, se fez servidor e obediente até à morte de cruz (cf. Fl 2,8); sendo rico, escolheu ser pobre por nós (cf. 2Cor 8,9), ensinando-nos o caminho de nossa vocação de discípulos e missionários. [...]” (Dap, n. 31).

Essa atitude de serviço do Cristo, do esquecer-se de si e dispor-se por uma causa, é um apelo que se faz ouvir. Servir sem requisitos particulares de atenção sobre si.

Perguntamo-nos por novos caminhos, mas parece que eles já existem. Trata-se de tornar novo o que já possuímos em nossas mãos e em nossas vidas. “Aqui está o desafio fundamental que enfrentamos: mostrar a capacidade da Igreja para promover e formar discípulos que respondam à vocação recebida e comuniquem por toda parte, transbordando de gratidão e alegria, o dom do encontro com Jesus Cristo. [...]” (Dap, n. 14). Ser um fiel seguidor, sentir-se o discípulo amado, amar o caminho de vida escolhido é tornar-se discípulo missionário daquele que fez o convite para pôr-se a caminho. Essas parecem ser indicações de um itinerário que compõe a trajetória espiritual que tanto se almeja para novos tempos.

Neste itinerário espiritual que começa a ser traçado, “o discípulo experimenta que a vinculação íntima com Jesus no grupo dos seus é participação da vida saída das entranhas do Pai, é formar-se para assumir seu estilo de vida e suas motivações (cf. Lc 6,40b), seguir

sua mesma sorte e assumir sua missão de fazer novas todas as coisas” (*Dap*, n. 131). Jesus Cristo é o novo, é o atual, é a novidade que o Evangelho traz e que deve ser posta no centro das nossas vidas. “Ele se manifesta como novidade de vida e missão em todas as dimensões da existência pessoal e social” (*Dap*, n. 13). Ele é a semente e o fruto das nossas atitudes. Quando a semente de Cristo for semente semeada, cultivada e germinada pela nossa vida e nossa ação, então estaremos sendo seus verdadeiros discípulos. Estaremos nos tornando verdadeiros missionários que já não falam somente por palavras, mas principalmente através de testemunhos. Por isso a necessidade da experiência espiritual pessoal na vida do discípulo.

O *Documento de Aparecida* também reforça a necessidade do entrosamento entre atitude pessoal e atitude comunitária na vida do discípulo. A necessidade de concretizar a vida de espiritualidade, no que concerne à vida pessoal, no agir quotidiano. Frisamos essa necessidade já que o próprio *Documento* ressalta a importância do empenho dos jovens das casas de formação para o empenho pastoral, pois

as experiências pastorais, discernidas e acompanhadas no processo formativo, são sumamente importantes para confirmar a autenticidade das motivações no candidato e a ajudá-lo a assumir o ministério como um verdadeiro e generoso serviço, no qual o ser e o agir, pessoa consagrada e ministério, são realidades inseparáveis (n. 322).

As experiências da ação quotidiana são elementos colaboradores para confirmar as disposições de um discípulo para o serviço do Reino e de um candidato para o estado da vida consagrada. O ser e o agir da pessoa, quando caminham juntos, refletem os sinais positivos de uma vida que converge para o mesmo fim. Focando o lado espiritual, a atitude se refletirá, seja no ser, seja na ação da pessoa.

Dessa forma, a vida no Espírito não nos fecha em uma intimidade cômoda e fechada, mas sim nos torna pessoas generosas e criativas, felizes no anúncio e no serviço missionário. Tornamos comprometidos com os reclamos da realidade e capazes de encontrar nela um profundo significado em tudo o que nos cabe fazer pela Igreja e pelo mundo (*Dap*, n. 285).

Um caminho verdadeiro de espiritualidade, certamente, é tornar Cristo presente em nosso quotidiano através de nossa vida, de nossa ação, de nosso trabalho, de nossa

solidariedade. A oração pessoal, que consegue tornar-se ação concreta, faz o Evangelho tornar-se vivo no cotidiano.

Por isso, a santidade não é uma fuga para o intimismo ou para o individualismo religioso, tampouco abandono da realidade urgente dos grandes problemas econômicos, sociais e políticos da América Latina e do mundo, e muito menos fuga da realidade para um mundo exclusivamente espiritual (*DAp*, n. 148).

Quando conseguirmos nos dirigir às pessoas que estão ao nosso lado sorrindo, trabalhando, caminhando, caindo, dormindo pelo chão ou pedindo nossa ajuda, estaremos revivendo o Cristo. Então, a espiritualidade cristã será viva, será anunciadora de paz, de união, de força de irmãos que unem as mãos para viver em igualdade.

A espiritualidade que consegue ultrapassar o limite imposto por sistemas consumistas e individualizantes pode ser considerada a espiritualidade que busca manter vivo o Cristo e seu projeto de vida. Seu Reino estará se concretizando através de seus discípulos missionários. “A experiência de um Deus uno e trino, que é unidade e comunhão inseparável, permite-nos superar o egoísmo para nos encontrarmos plenamente no serviço ao outro. A experiência batismal é o ponto de início de toda espiritualidade cristã que se funda na Trindade” (*DAp*, n. 240).

Há a necessidade de fazer a experiência de sentir-se parte, e parte atuante, não só de um projeto, mas também da vida da pessoa que propõe o projeto a ser exercido. Como diz o *Documento de Aparecida*, referindo-se à experiência dos discípulos com o Mestre: não há que “esquecer o encontro mais importante e decisivo de sua vida que os havia preenchido de luz, força e esperança: o encontro com Jesus, sua rocha, sua paz, sua vida” (*DAp*, n. 21). Entende-se que a experiência deve partir do encontro pessoal, que não é experiência individualista, mas que da particularidade se deve partir para o todo. Da experiência individual surge a necessidade de compartilhar e ampliar a experiência para com os demais, para, assim, formar a comunidade. Então a espiritualidade não abrange apenas o ser íntimo da pessoa, mas dessa experiência íntima extravasa em atitudes concretas. A percepção das necessidades ao redor transforma a oração em ação.

Considerações finais

Não se deixa de reconhecer aqui que a vida consagrada, mesmo fazendo parte desta instituição milenar que é a Igreja, por vezes caminha de modo tímido. Vemos, porém, que ela tem buscado o seu espaço, tem dado passos significativos na busca da compreensão de si mesma. Vozes que lutam pelo reconhecimento que a vida consagrada, em especial a feminina, merece e deve ocupar por direito, não se calam e abrem caminhos de esperança. Mostram que este estilo de vida não é o de uma instituição que caminha para a falência, mas de um grupo que acredita na possibilidade de sonhar juntos para chegar à concretização de uma realidade possível de ser vivida, buscando encontrar melhores soluções para os conflitos quotidianos. João Paulo II, explicando a finalidade da exortação apostólica *Vita Consecrata* para os estilos de vida religiosa no mundo, disse: “[...] é preciso empenhar-se com novo ardor, porque a Igreja necessita da contribuição espiritual e apostólica de uma vida consagrada renovada e vigorosa [...]” (n. 13). Com ardor e vigor virá a renovação.

Essas reflexões nos conduzem a concluir que o exercício da espiritualidade na vida consagrada é indispensável para a formação de um discípulo missionário e que a espiritualidade somente tornar-se-á um caminho concreto de interiorização e ação a partir dos frutos que florescerem da experiência pessoal e comunitária do discípulo na vida de inserção eclesial e social. “Como discípulos de Jesus Cristo, sentimo-nos desafiados a discernir os ‘sinais dos tempos’, à luz do Espírito Santo, para nos colocar a serviço do Reino, anunciado por Jesus, que veio para que todos tenham vida e ‘para que a tenham em plenitude’ (Jo 10,10)” (*DAp*, n. 33). Muitos sinais surgem luminosos, mas podem ofuscar a visão, como constatamos na reflexão. Interpretados à luz do Espírito Santo, quando realmente escutado, os sinais serão luzes de segurança para seguir o caminho.

Uma espiritualidade que busca tornar Jesus Cristo vivo e encarnado na realidade é uma espiritualidade de ação renovadora. Será impulsionada pelo Espírito e possuirá abertura para permitir a sua ação. Não permitirá paralisar-se por eventuais dificuldades que possam se apresentar no quotidiano. Saberá superar-se como necessidade de expandir a missionariedade, à qual se sente convocado por ser discípulo.

A realidade vigente clama por transformações concretas, rápidas e radicais, sobretudo quando há novos candidatos que procuram a vida religiosa como um estilo de vida próprio. Por isso a questão insistente não se esgota nestas poucas linhas de reflexão. O que se tem

para ofertar, para responder à nova demanda na área da vivência de uma espiritualidade encarnada na pessoa e na práxis de Jesus em nossos tempos não aquieta o questionamento que continuará a se levantar. Pois o próprio exercício da espiritualidade não é algo estático, mas demanda sempre novas formas de vida e ação no cotidiano.

Bibliografia

CELAM. *Documento de Aparecida*. 7. ed. São Paulo: CNBB/Paulus/Paulinas, 2008.

JOÃO PAULO II. *Novo Millennio Ineunte*. Disponível em:
<http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_letters/documents/hf_jp-ii_apl_20010106_novo-millennio-ineunte_po.html>.

_____. *Vita Consecrata*. Disponível em:
<http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_25031996_vita-consecrata_po.html>.